

# O Estudo da Taquigrafia é Mais ou Menos Assim

(Waldir Cury)

Um aluno começa um curso de taquigrafia. Há duas etapas bem distintas no aprendizado da taquigrafia: o aprendizado dos sinais taquigráficos e o treinamento da velocidade.

Na primeira etapa, o aluno começa aprendendo os primeiros sinais taquigráficos, vai formando algumas palavras. Fica eufórico, fica todo contente. Prossegue. Na medida em que avança nas lições, faz uma série de exercícios preparados “tecnicamente” para ajudar na assimilação dos sinais.

O estudo continua. Novos sinais são aprendidos. Dúvidas vão surgindo aqui, outras ali, várias acolá.

Mais lições. Mais exercícios. Exercícios de reforço! A cada passo, testes para aquilatar a absorção das regras e dos sinais taquigráficos.

“Professor, está acontecendo uma coisa interessante comigo: às vezes estou andando na rua, olho para um letreiro e fico taquigrafando as palavras do letreiro na mente! Outro dia me peguei taquigrafando fazendo movimentos com o dedo no ar...isso é normal?”

“Isso é normal e muito importante”, responde o professor. “Sinal que você está totalmente engajado no aprendizado dos sinais taquigráficos e a mente não quer perder uma só oportunidade de treinar...”

Abreviaturas para decorar! A ordem é: repetir, repetir e repetir!

O estudo avança. Novos exercícios, novas lições, mais testes.

Cuidado na perfeição dos sinais! Senão não vai conseguir traduzir!

Leituras! Dificuldades de ler os sinais taquigráficos. Sinais que nem pelo sentido da frase consegue traduzir! Frustração... Incentivo do professor. Novo ânimo! Vai-se caminhando ... “Um dia eu chego lá...”

O estudo continua. Dificuldades aqui, pequenas vitórias ali.

Finalmente o método está aprendido! Aprendido?! Sim ...mas não tanto! É preciso aprofundar ...!

O processo de aprendizado continua. Mais sinais para assimilar!

A memória às vezes trai. Ufa!...Como é mesmo o sinal para a terminação “bilidade”?

O professor traquejado nesses súbitos cochilos da memória, sem demonstrar qualquer impaciência, repete para o aluno a terminação “bilidade”. O professor sabe que terá de martelar, repetir quantas vezes forem necessárias! O professor sabe que terá de repetir incontáveis vezes as terminações, os sinais, as abreviações, pois é esta a função do professor: ser o facilitador da aprendizagem, o incentivador!

Finalmente chegou a hora de taquigrafar. Cópias, cópias e mais cópias! Cópias de trechos de jornais, cópias de revistas, cópias de tudo. É preciso copiar em taquigrafia, é preciso taquigrafar! Aprende-se a taquigrafar taquigrafando.

Cópia, correção da cópia! O esforço de assimilação dos sinais deve continuar! O aperfeiçoamento dos sinais, a correção dos sinais deve prosseguir! E vai continuar por muito tempo! Foi assim com a alfabetização da grafia comum e deve ser assim com a “alfabetização” da taquigrafia. Uma habilidade adquire-se assim: estudo aplicado, treino, treino, treino! Nada de desânimo, hein!

Oba! Chegou a hora de começar o treinamento da velocidade taquigráfica! Hoje taquigrafei pela primeira vez um ditado! E não é que eu estou conseguindo taquigrafar mesmo? É, mas que pena, não estou conseguindo taquigrafar o ditado inteiro de cinco minutos! Só consigo um minuto ou dois. Depois começo a perder palavras...

O professor entra em ação: “Isso é assim mesmo! É assim com todo mundo! Continue treinando os ditados que aos poucos você vai amadurecendo nesta velocidade. A cada aumento de velocidade você vai ter essa sensação de que “não está conseguindo”. Mas com o estudo continuado, com o treinamento metódico...”

Epa! O aprendizado do método ainda não está superado! Eu já estou em 60 e ainda tenho uma porção de dúvidas! Claro! Sabe por quê? Porque a etapa do aprendizado do método ainda está em andamento e vai durar um bom tempo, um longo tempo, muito tempo! E é assim também com a grafia comum. Sabe como se escreve o fruto daquela trepadeira? É “chuchu” ou “xuxu”? Xii..me pegou!

Novas dúvidas sobre sinais vão surgindo a cada momento. “Professor, como é que se taquigrafa a palavra tal...eu devo usar os sinais biconsonantais ou triconsonantais?” Professor, como é mesmo o sinal convencional para “por exemplo”?

“Professor, hoje eu trouxe uma listinha de dúvidas ...o senhor pode me esclarecer agora ou prefere esclarecer no final da aula?”

“Vou esclarecer agora. As explicações para as suas dúvidas vão servir também para os outros alunos. O que não pode é você ficar com dúvidas...”

De vez em quando aparecem alunos “contestadores”. “Professor, esta semana eu estava em casa, e de repente me veio à mente o seguinte: o senhor disse que “contém” e “contêm” são taquigrafados da mesma maneira. Mas o som das duas palavras não é diferente? Em “contêm” não se escuta o som de duas vogais? Ora, se há o som de duas vogais, “na minha modesta opinião”, eu teria de colocar um ponto indicativo do som de duas vogais...”

O professor então responde, contente de ver o interesse demonstrado pelo aluno: “T tecnicamente falando....sim, mas não há necessidade desse ponto, pois na tradução você saberá, pelo sentido, que o verbo está no plural...”

Há também os alunos “criativos”, que trazem propostas de sinais novos para o método. “Professor, eu tenho notado, quando taquigrafo, que aparece muito a terminação “rio, ria, rios, rias”. O senhor não acha que deveríamos inventar um sinal especial para esta terminação? Traria enorme economia gráfica e maior rapidez!” O professor estuda a sugestão e aprova: um novo sinal é incorporado ao método!

Toda interação professor-aluno é salutar e traz enormes benefícios. Afinal, um método de taquigrafia é como uma língua viva: está sempre em permanente mudança, em constante aperfeiçoamento. Novas palavras vão surgindo, novas abreviações vão sendo criadas. Há alguns anos não se falava em “Direitos Humanos”. Hoje a expressão “Direitos Humanos” costuma ser usada nos discursos. Um sinal convencional é, então, necessário e é criado. Apenas um “d” taquigráfico com dois pontos embaixo. Que economia gráfica fantástica! Como ajuda na velocidade!